

# O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 17.

SABBADO 28 DE JULHO.

1860.

## EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

(Continuado da pag. 130).

\*

O brioso e gentil Coriolano, que desde bem pequeno, começára a dar provas de vaidoso e extravagante, tendo mesmo em vida de seu pae consumido grandes sommas com prodigalidades e ostentações, que bem mal estavam mesmo ao filho de fidalgo tão rico, qual o Marquez era, vendo-se agora senhor absoluto do enorme cabedal que lhe tocára por herança: mais amplo campo se lhe proporcionou ás suas dissipações.

Nunca se querendo sujeitar á disciplina alguma escolastica, o seu natural talento e vivacidade que aliás tanto promettiam, ficaram sem o menor cultivo; e a sua intelligencia, posto que clara e perspicaz, resentia-se da falta de instrucção, e até daquelles conhecimentos mais necessarios ao homem de alta hierarchia. Não lhe faltava, é verdade, esse traquejo e ademans que practicamente se adquire nas altas sociedades; porém si isto lhe era bastante em quanto joven e debaixo do dominio e influencia do seu respeitavel e nobre pae: não podia continuar a sel-o depois que cresceu em idade, e tornou-se responsavel das suas acções, entrando para o gremio da sociedade, que tanto os titulos de seu pae, como a sua fortuna, lhe dava direito nella entrar.

Coriolano pensava que a um fidalgo e rico senhor não era necessario estudar e gastar seu tempo com livros; o que julgava proprio unicamente a rapazes pobres que necessitam eriar fortuna e posição social.

Quantas vezes o velho Marquez, querendo-o por boas maneiras admoestar, lhe contava todos os trabalhos porque passara na sua mocidade, o quanto teve constantemente de trabalhar com estudos, e a rigorosa economia em que teve de viver uma grande parte da sua vida para chegar ao auge de grandeza, fortuna e consideração em que se via ultimamente! Quantas vezes este veneravel ancião, temendo as consequencias provaveis

de uma vida tão mal começada qual a que ia encetando este seu filho, lhe fazia longas praticas sobre a necessidade do trabalho e da economia!

Coriolano, porém, sempre surdo ás observações sensatas de seu pai, dando ouvidos sómente ao que lisongeava o seu amor proprio e liberalismo desenfreado, julgava-se em posição mui differente, para que lhe desse convir a mesma regra.

Muitas vezes consigo mesmo elle pensava, que si seu pae necessitou estudar, trabalhar e ser regrado nas suas despezas, foi por ter tido um principio differente do seu.

O Marquez tudo quanto representava ou possuia, devia-o a si e aos seus esforços, pois descendente de paes apoucados, nada teria sido a não serem os seus merecimentos e conquistas; e assim julgava Coriolano: que sobre seu pae imperára a necessidade de illustrar-se e fazer por adquirir posição brilhante; mas que elle sendo como era, filho de um nobre de tanto prestigio, representação e riqueza, não estava no mesmo caso; pois que não lhe ficaria bem, e até desceria da sua dignidade, a não viver unicamente, segundo elle dizia, como um fidalgo.

Elle estava embuido da falsa idéa de que os fidalgos não devem trabalhar, e que a fidalguia era um poderoso escudo contra os transtornos da vida, e de per si só, forte alavanca para elevar o homem ao apogeu da gloria.

Dominado por estes pensamentos, olhava até com desdem para os estudos; e ostentava um fausto e grandeza além de todos os limites.

Morto o pae, emprehendeu logo uma viagem ao antigo Continente, pois dizia elle: «Este paiz é assás pequeno e monotono para um homem da alta aristocracia. Viajarei por toda a Europa; e depois de percorrer as principaes cidades da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Italia, da Suissa, da Belgica, da Prussia, da Austria, da Russia, da Turquia e dos outros Estados, habitando por algum tempo em Londres, Bruxellas, Berlin, S. Petersburgo, Vienna, Constantinopla, Roma, Napoles, em fim em todas as côrtes e capitaes, voltarei a Paris, onde estabelece-

rei a minha residencia permanente; pois que ali é o unico lugar do mundo digno de um homem de teres e de representação.»

Assim influenciado, deixa Coriolano o seu paiz, de antemão saboreando as delicias e honrarias que disfructaria além mar.

Escuso acompanhá-lo de perto e notar todos os seus passos e successos; pois que isso tomaria mais tempo do que hei desponivel; e talvez mesmo tornasse esta narração fastidiosa pela sua extensão; basta que refira ainda um ou outro facto da sua vida; e conte em summa o fim a que o levou o mal traçado plano de conducta.

Na verdade Coriolano, viajou por quasi toda a Europa; e em diferentes pontos della, se viu no centro de encantos e prazeres. Sempre gastador e dado a grandezas, não lhe faltaram nunca aduladores que o seduzissem, nem deleites que o embriagassem. Realmente elle gozou, e não pouco, entre a nobreza de diversas côrtes: pois que espalhando com prodiga mão a sua colossal fortuna, isto lhe adquiria o direito de brilhante representação e até de alguma nomeada.

Fixou, finalmente, a sua residencia na corte de França; e ali fazia por competir no luxo e extravagancia até com principes poderosissimos.

Habitou sumptuosos palacios, teve esplendidos trens, deu magnificos bailes e banquetes repetidos, viveu como um grão-senhor, rodeado de lacaios e escudeiros; mas em ordem a sustentar todas estas vaidades, foi esbanjando as enormes heranças que houvera do pae e do tio, quasi ao mesmo tempo.

Cinco annos ainda não se tinham escoado, e já a fortuna de Coriolano tinha soffrido tamanho baque, que o collocou em criticas collisões.

Elle havia reduzido todo o seu cabedal em moeda; e depositado em um banco, d'onde ia sacando, á medida que de dinheiro carecia.

Os saques foram tantos e tão repetidos, que por fim estando de todo exausto o capital, o banqueiro deixou de pagar novos saques, que Coriolano fez para pagamento de dividas, que havia contrahido. Foi então que elle soube que de todo havia gasto já a somma tão consideravel que herdára.

Vendo-se agora sem dinheiro com que sustentar o seu costumado luxo e ostentação, e além disso cheio de grandes dividas e baldos de recurso, elle se viu collocado na dura necessidade de recorrer áquelles que

se diziam seus amigos devotados, quando na opulencia os banquetecava, a fim de vêr se obtinha de algum delles um emprestimo de somma que chegasse para o pagamento de suas dividas e lhe dêsse meios de voltar ao Brasil, onde contava alcançar da benevolencia de seu irmão, a satisfação de tudo.

Debalde, porém, correu de casa em casa, e de conhecido em conhecido; de ninguem alcançou cousa alguma, e até de alguns se viu mofado de maneira provocadora!

Um, apesar de rico, lhe dizia: «Sinto não poder emprestar-vos cousa alguma»; outro se occultava de suas vistas. Este pretextava negocios tão urgentes, que não se podia demorar a ouvir-o; e antes que Coriolano tivesse tempo de continuar a expôr o seu pedido, apressadamente se ia andando. Aquelle fugia-se sentido por Coriolano não ter tido regra no gastar; e acrescentava: «Sê-de de agora em diante mais economico; e sirva-vos isto de lição.» Qual se excusava a pretextos frivolos, qual o vituperava pela sua má conducta.

Coriolano, depois de perdidas todas as esperanças em que se embalava, entregou-se ao excesso do desespero; e mil horriveis pensamentos vinham uns após outros perturbar ainda mais a sua já delirante cabeça.

Agora olhava para o suicidio como o melhor meio de se livrar dos embaraços, em que se via; mas esse fundo de boa moral e religião, que bebêra na sua meninice de seus virtuosissimos progenitores, detinha a sua mão de perpetrar crime tão abominavel aos olhos de Deus e da sociedade. Então pensava que na fuga acharia um meio de subtrahir-se á perseguição dos seus credores, porém isto lhe parecia uma degradante acção, e só propria dos velhaços e villões.

Contar com a clemencia daquelles a quem devia, era loucura; e com a generosidade de alguém que lhe abonasse a quantia necessaria, era estar se illudindo com impossibilidades já experimentadas.

O que fazer então? Isto era um enigma, que Coriolano buscava resolver; mas que a sua critica posição e espirito alienado não deixava acertar com os meios; e nisto que vaç revolvendo no seu cerebro a serie de tristes pensamentos que a elle affluíam, batem-lhe á porta, e um official de justiça lhe intima ordem de prisão, promovida pelos credores.

(Continúa.)

## A caçada de insectos

POR F. COOPER.

## CARTA IV.

*Menzies á Edward Johnston, em Londres.*

Hanarurú (O-Wahu), 12 de dezembro de 1848.

Não, não sou visionario! Ha presentimentos, presentimentos que não enganam. Edward, eu sou o homem mais feliz do mundo, estou no apogeu da existencia!!! Mas como haveis de partilhar meus transportes, minhas inexprimiveis delicias? Vou recolher-me, e procurar, si é possível, contar com calma o que se passou.

Perto de Hanarurú, residencia do rei Teimotú, ha um bosque encantador, para onde encaminhei-me hontem ao crepusculo. Esforçava-me para apanhar uma borboleta, cujo nome não vos importa, e que começa sua correria vagabunda depois do sol entrar.

O tempo estava pezado, e os perfumes que exhalavam as plantas, inspiravam a volupia.

Penetrando na matta, senti não sei que doce inquietação; mysteriosos calafrios percorriam-me o corpo; expandia-se-me a languidez em vagos suspiros. O lepidoptero nocturno que eu procurava, volitava junto de mim; mas os braços paralyzados ficavam sem forças para apanhá-lo. Derepente fui arrastado como por mãos invisiveis para um arvoredado cujos murmurios e fremitos pareciam-me outras tantas palavras de amor. Apenas entrei, que vejo? ó céus! Sobre macias penas de pombo estava estendida a mais linda, a mais bella, a mais seductora das insulares que jamais encontrei! Alguns de seus contornos indicavam que ella tinha nascido nestas paragens, pois differenciava-se de suas companheiras na cor, na forma, e mesmo no todo. A alegria, o pismo suffocaram-me. Approximei-me da pequena com precaução; ella parecia dormir. Segurei-a e trouxe-a comigo... Perencia-me o mais bello thesouro da ilha!...

Dei-lhe o nome de Haimatocara; arranjei-lhe um lindo quarto tapeçado de papel dourado; fiz-lhe um leito das mesmas pennas de pombo... Ella parece-me comprehendere-me, parece adivinhar quanto me é cara!... Perdoae-me, Edward, adeus; é preciso ir ver o que faz minha graciosa creatura, minha Haimatocara! Abro o seu quartinho; acho-a deitada no leito, brincando com as

pennas brilhantes e matizadas. O Haimatocara!—Saude, Edward.

JOHN MENZIES.

## CARTA V.

*Broughton ao governador da Nova-Galles do Sul.*

Hanarurú, 20 de dezembro de 1848.

O capitão Bligh deve já ter dado conta á V. Ex.<sup>a</sup> de nossa feliz viagem e do bom acolhimento de Teimotú.

Este principe está encantado dos ricos presentes de V. Ex.<sup>a</sup>, e não cessa de repetir que podemos ter como nossas todas as produções de O-Wahu. O manto vermelho bordado á ouro causou tão profunda impressão á rainha Kahumanú, que ella cahiu em devaneios extaticos. Logo que amanhece, embrenha-se nas mais sombrias solidões dos mattos, e, embrulhando-se em seu manto, ensaia posições mimicas que repete á noite em prezença da corte toda. Em certos momentos, é atacada de uma melancolia exquisita que entristece o bom do Teimotú. Contudo, tenho conseguido alegral-a offerecendo-lhe um almoço de peixe frito com um bom copo de genebra ou de rum. Este regimen dissipa-lhe sensivelmente a languidez. Coisa extravagante! Kahumanú corre sem cessar atraz de Menzies, aperta-o em seus braços, prodigalisa-lhe nomes os mais ternos, e não ponho a menor duvida que ella anda apaixonada por elle.

Demais, sou forçado á declarar á V. Ex.<sup>a</sup> que Menzies com quem eu contava tem-me sido mais nocivo que util. Mostra-se pouco disposto á corresponder ao amor de Kahumanú; em compensação, acha-se possuido de um delirio culpavel, de uma paixão insensata, que levou-o á fazer-me uma brincadeira de muito mau gosto, e que nos malquistará para sempre, si elle não voltar atraz. Lamento ter pedido a V. Ex.<sup>a</sup> que o associasse á mim; mas podia eu prever que uma cegueira subita transtornaria as disposições de um amigo provado de tantos annos? Proponho-me transmittir á V. Ex.<sup>a</sup> a narração detallhada do negocio em questão, e si Menzies não reparar seus erros, sollicitarei vosso apoio contra um homem que tem tão indignamente correspondido á mais sincera afeição.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, etc.

A. BROUGHTON.

## CARTA VI.

*Menzies á Broughthon.*

Não, não posso supportar por mais tempo! Tu me foges; lança-me olhares de colera e desprezo; applicas-me os epithetos de traidor e perfido. Debalde procuro os motivos que pódem justificar teu procedimento para com o teu mais terno amigo. Que te fiz eu? em que te offendi? Não póde ser sinão em consequencia de um engano, que duvidas de minha ternura, de minha dedicação. Rogo-te, Broughthon esclarece este fatal mysterio, volta á mim e trata-me como d'antes.

Davis, que te entregará este bilhete, está encarregado de exigir uma resposta immediata. Tortura-me a impaciencia.

MENZIES.

## CARTA VII.

*Broughthon á Menzies.*

Ousas perguntar-me em que me offendeste? Realmante, semelhante candura assenta-te bem, em ti que violaste de um modo tão revoltante as leis da amizade, o direito das gentes, a moral universal! Refusas comprehender-me? Pois bem, fique-o sabendo o mundo inteiro e horrorise-se de teu crime! Vou fazer retinir á teus ouvidos o nome que resume teu crime... Haimatocara!... Sim, déste o nome de Haimatocara á aquella que roubaste, á aquella que tens em sequestro, ao thesouro que eu me orgulhava de declarar meu nos annaes eternos! Mas não; quero ainda acreditar-te virtuoso; prefiro esperar que refreiarás a funesta paixão que te desvaira. Menzies, restitue-me Haimatocara, e eu te apertarei sobre o coração como um irmão idolatra. Esquecerei para sempre a dolorosa ferida que me fizeste; consentirei em ver no rapto de Haimatocara menos perfidia que irreflexão... Restitue-me Haimatocara!

BROUGHTHON.

## CARTA VIII.

*Menzies á Broughthon.*

Amigo, que transporte te desvaira? Eu, eu roubei-te Haimatocara! Haimatocara, nascida n'uma classe que sempre te foi extranha; Haimatocara que eu achei livre, exposta ao ar, dormindo sobre a penugem! fui eu o primeiro que ella olhou com um olhar amante; o primeiro que lhe deu nome e posição. Tu que me chamas de per-

fido, não mereces ser tratado de louco, pois que, cego por um ciuime baixo, reclamas uma coisa que tornou-se propriedade minha, que pertencer-me-ha para sempre n'esses annaes onde sonhas ornar-te tão insolentemente com o que é de outrem? Nunca me separarei de minha querida Haimatocara. Por Haimatocara eu daria tudo com alegria, mesmo minha vida, que não tem interesse sinão por este inestimavel thesouro.

MENZIES.

## CARTA IX.

*Broughthon á Menzies.*

Imprudente ladrão! Haimatocara me é extranha! Tu a achaste em liberdade! Mentiroso! Não era minha a penugem sobre a qual ella repousava? Esta circumstancia não te obrigava á reconhecer que Haimatocara não pertencia sinão á mim, á mim só?

Entrega-me Haimatocara, sinão proclamarei tua infamia á face do universo! Não é á mim, é á ti que se deve arguir o mais vil ciuime; tu é que queres enriquecer com o que é de outrem; mas não has de conseguir-o. Si não me restitues Haimatocara, fico tendo-te em conta do maior dos scelerados!

BROUGHTHON.

## CARTA X.

*Menzies á Broughthon.*

Triplíce scelerado és tu! Não me arrancarão Haimatocara sinão com a vida!

MENZIES.

## CARTA XI.

*Broughthon á Menzies.*

Miseravel! Não te arrancarão Haimatocara sinão com a vida! Pois bem, decidam as armas da posse d'ella. Vai amanhã, ás seis horas da tarde, á praia deserta, ao pé do volcão. Espero que tuas pistolas não tenham necessidade de reparações.

BROUGHTHON.

## CARTA XII.

*Menzies á Broughthon.*

Estarei na praia á hora indicada. Haimatocara será testemunha do combate de que é o premio.

MENZIES.

## A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 133)

## IV.

Au moment d'entrer dans la region du mal l'ame se sent penetrée de terreur: elle hesite en presence de sa faiblesse.

OZANAM, DANTE.

Qual será o coração que, cheio de vida e de mocidade, não pulse de entusiasmo e de amor ao entrar n'uma sala brilhante e perfumada d'um baile?... Quando ao som de suave e alegre musica passam e se encontram diante de nossos olhos figuras flexiveis de mulheres encantadoras: quem se não sentirá arrebatado, indeciso, fascinado se não será o brinco d'um encantamento, a illusão d'um sonho, ou se realmente vê, falla, ouve a voz d'uma dessas mulheres palpitantes de prazer, em cuja fronte só ressumbram alegria e felicidade, em cujos seios agitados pela dança, em cujo corpo fatigado percorre um tremor que se vai terminar em suspiro?... Quem será insensivel ao contemplar essas moças, graciosos reflexos dos anjos, innocentes como elles, brincarem por entre demonios?...

Por outro lado quem se não admirará ao ver certas moças, virgens no corpo, mas cuja alma já estragada pelas adulações dos salões, tornarem-se rainhas das sociedades que frequentam, ás mais das vezes pela habilidade com que jogam sua arma favorita — o namoro?...

Quando pretendem jungir ao seu carro de triumphos um manzebo modesto, cuja pouca frequencia ou habitos banaes da sociedade, que chamam — *do bom gosto*, — faz ter horror, e mesmo não podem crer em como uma jovem que deve ser toda candura, ingenuidade e modestia, parece, pelo contrario, estar plenamente iniciada em todos os mysterios da intriga: como é curioso e divertido vel-as então affectarem maneiras singelas, cubrirem-se com o véu da innocencia, e debaixo deste véu estenderem-lhe seus laços, e depois prenderem-no inspirando-lhes um affecto que não sentem? E depois, quando este moço, reconhecendo que fóra ludibriado, vê-as responderem aos galanteios simultaneos que lhes fazem o que lhe respondem ellas?... Uma risada de escarneo, e o epitheto de pedante...

Mas que mal ha nisso?... Tudo é divertimento, passa-tempo, porque é isso que

constitue assumpto d'uma conversação espi-rituosa, fórma os habitos da sociedade do *bom tom*, e faz com que sua companhia seja tão agradável... Folheae desde a primeira até a ultima pagina o livro da vida destas moças e vereis que a unica idéa fixa, constante e bem desenvolvida é: saber conduzir com habilidade uma intriga amorosa, dominar despoticamente o coração dos homens, e zombar delles por haverem considerado tão ao serio uma coisa tão banal como é o amor...

Mas que mal ha nisso?... N'um baile o amor, sendo quasi sempre o thema favorito das conversações, deve despir-se do seu character profundo e sagrado... porque do contrario tornar-se-hia coisa muito grave, e n'um baile o que é grave é fastidioso, monotonico, insipido... Trate-se do amor, da amizade, em fim de todos os sentimentos com leviandade; dêem-se-lhe um character folgazão, superficial porque tudo acaba ahí...

Mas que mal ha nisso?... Tudo é divertimento, são os encantos d'um baile...

Entretanto, n'esta noite, no meio da alegria de que todos estavam possuidos, havia tambem dôr, e dôr profunda, reconcentrada, que mais se augmentava com o ecoar da musica e com o sussurrar de vozes alegres manifestando claramente os sentimentos que animavam esta reunião.

Insensivel a taes manifestações de jubilo, e retirado e quasi occulto por uma janella estava um moço pallido, abatido, com os olhos fixos sobre um ponto, como se esse ponto significasse alguma coisa de extraordinario na sua vida. Era expressivo este olhar constante animado de fulgor febril. A's vezes parecia reflectir verdadeira alegria a não ser a expressão rancorosa ou ironica que de repente se lhe espelhava pelo semblante, e um movimento convulsivo por todo o corpo.

Outras vezes ficava suspenso, immovel, sem respiração: parecia equilibrar-se entre a vida e a morte. Então seus olhos mais fixos, mais expressivos, mais febris pareciam reter-lhe a vida prestes a voar sobre aquelle ponto.

Quem era este moço? O que era este ponto que tão poderosamente lhe prendia a attenção?

Com passos vacillantes, com o olhar desvairado viram-n'o entrar e percorrer as salas brilhantes e perfumadas do baile.

Parecia um corpo dominado por vontade

cruel e caprichosa que fatalmente o impellia a um fim sinistro.

Era um accento triste, melancholico, e dorido da desgraça que respondia ao canto alegre, risonho, e sonoro da felicidade.

Era uma gargalhada de triumpho e de escarneo do espirito do mal no meio das festas brilhantes, risonhas dos filhos do espirito do bem.

Era uma imagem viva das miserias humanas esse contraste entre o prazer e a dor...

Mas quem era este moço? Infeliz o que procurava elle entre os felizes?

E percorrerá mudo, insensível as salas que se enchiam de brilhante companhia, como se houvesse medo que a voz, distrahindo-lhe a attenção, fizesse fugir ou perder-se o objecto que buscava.

Os poucos que lhe conheciam a dor, lastimaram-n'o vendo-o assim soffrer; outros, porém, a quem elle era desconhecido, cobriam-no de ridiculo denominando-o de louco ou de incivil.

Mas elle sempre mudo e insensível ia por diante procurando... talvez uma alma que lhe fosse irmã na dor como o seria na alegria, si por ventura inda uma esperança lhe sorrisse na vida.

Este moço era Henrique.

Depois de haver percorrido as salas sem encontrar quem com tanto affan buscava, de repente Henrique parára e se retirára para o vão d'uma janella a fim de occultar a emoção que agitava. Nunca sentistes uma esperança moribunda debater-se em vossa alma? Nunca fostes impellido por uma desillusão ás raias que separam a vida da virtude da vida do crime? Nunca hesitastes sobre o ponto extremo aonde se foram reconcentrar todas as vossas aspirações e desejos, e ahí nunca vistes morrer uma a uma todas as vossas esperanças? Nunca experimentastes a lucta da paixão e do dever? Nunca vos achastes no marasmo produzido pelo choque de sentimentos encontrados e hostis? Nunca vos sentistes dominado por uma vontade insaciavel, satânica que vos impelle a ter mão de um fim sem darvos tempo de escolher os meios?

Por todas estas phases passou Henrique ao ver entrar no baile um velho trazendo comsigo uma bella moça.

O velho, o Snr. Gonçalves, teria de quarenta e cinco a cincoenta annos de idade, porém os cabellos completamente brancos e as rugas que se-lhe desenhavam no rosto, persuadiam, ou que desgostos lhe apressára a velhi-

ce, ou que a sua idade era mais avançada. Pelas maneiras arrogantes, pelo olhar insolente e desprezador deste homem, e pelos aduladores cumprimentos com que fôra recebido via-se claramente que pertencia á *alta aristocracia do dinheiro*... Mas quem lhe estudasse com attenção o rosto pallido e rugoso, o olhar ás vezes incerto, outras espantado; quem notasse a distração que ás vezes o fazia interromper a conversação e pensar profundamente, quem, em fim, reparasse que havia alguma coisa de inquieto e agitado neste homem que poucas vezes ria—concluiria que no passado deste individuo havia uma historia, quiçá de crimes, que lhe vinha por vezes anuviar o presente.

Quanto á jovem, que dissemos, entrára com elle, era sua filha unica. Era Julia.

A fortuna immensa de seu pai, sua educação fina, maneiras agradaveis, e sua belleza rara, lhe haviam proporcionado um logar distincto e invejado, e que ella sabia perfeitamente fazel-o respeitar pelo seu procedimento digno de louvor.

Quando esta flor brillou pela primeira vez fôra desde logo incensada por essa turba de mancebos vaidosos e avidos de queimarem incensos á flor das sociedades... principalmente quando essa flor nasce e fulgara alimentada pelo aroma d'uma grande riqueza...

Julia, porém, tendo diariamente diante dos olhos exemplos de moças, cuja grande parte da vida consistia em esvoaçarem nos bailes como um bando de borboletas n'um jardim, e por fim, em vez de felicidade que buscavam, só achavam a estigmatização de sua honra, Julia, dizemos, soubêra conter, sem prejuizo de seus principios de educação, em distancia respeitosa, esse circulo de adoradores tão dedicados que não hesitariam a lançar-lhe o nome infamemente calumniado em meio de suas reuniões detractoras.

Uma outra razão e mais poderosa dictava-lhe este proceder. E' que no seu coração ainda estava gravado o nome daquelle que ella amára na infancia. Em seus sonhos, em seus pensamentos sempre a imagem daquelle menino moreno a acompanhava.

Si em creança esse affecto fôra vivo o que seria quando sua alma começára a se expandir ao amor, e quando tal amor já se não limitava a um ideal? quando ella reconhecera a necessidade de amar, de verter em outro peito que não o de seus pais todas as emoções que sentia, de lançar nelle, que os acolhesse com sofreguidão, todos os risos de alegria, todas as suas lagrymas de dor?...

Mas qual fôra o destino desse menino?

Seus pais disseram-lhe a principio que estava estudando, depois callaram-se e ella nada mais soube.

Contudo seu coração de amante havia adivinhado que seus juramentos tinham sido esquecidos, juramentos sellados pelo pranto da innocencia, puros como as preces que á noitinha elles dirigiam a Deus!...

Então, no silencio, quando sua alma devaneava, quando seu coração se aquecia ao calor d'um amor que despontava, não flor viçosa em fertil terra, antes como flor pallida na aridez d'um serro,—então, dizemos, uma lagryma molhava-lhe as faces e coração partido... uao maldizia do esquecido!...

E' que o amor assim alimentado não morre senão quando as fibras do coração se hão estalado uma a uma e a alma voa para ainda amar no céu!... não morre senão quando a intelligencia soffre um choque tamanho que a desorganizou e aquella idéa de amor se vai sepultar na loucura; ou quando o espirito lucta nas garras da duvida e o amor que só vive de crença vai aos poucos morrendo e em seu lugar apparece a sensualidade...

Julia não duvidava que amava: sabia o porque sua existencia estava resumida nessa palavra: sabia o porque seu coração lhe estava constantemente fallando deste amor.

Era para Julia que Henrique olhava com aquelle olhar d'insania; era ella a causa desse revolver de paixões hostis que tambem era expresso pelas mudanças de seu rosto.

Era Julia e seu pai cuja presença lhe excitavam estes dois sentimentos tão oppostos: o prazer, isto é, o amor, e a dor, isto é, o odio.

Ella a virgem meiga, que com o seu sorriso tão doce, com sua voz tão suave, lhe promettera um porvir, e lhe explicava em lingoagem repassada de verdadeiro amor os quadros deliciosos de uma vida decorrida ao seu lado.

Elle, seu pai, era o vulto feio da tempestade que viêra se interpor entre elle e o seu futuro, era a voz da realidade fria, impassivel que o despertava quando dormia, no céu, que lhe dissipava todas as esperanças, todos os sonhos.

Ella a imagem do mundo, aonde só, o homem se pôde considerar feliz—a imaginação.

Ella, a imagem do mundo onde embalde o homem procura, cança e desanima por gozar um instante de felicidade, a realidade.

(Continua).

Para o album do meu distincto amigo  
o Dr. Timotheo P. da Rosa.

### Devaneamento.

Pelos prados, pelos valles  
Em que Flora mais brilhava,  
Houve tempo em que eu andava  
Por fugir do mundo aos males.

La aqui, ali colhendo  
Já uma, já outra flor,  
Cujo aroma, cuja cor  
Meu apreço fosse tendo.

Quando muitas apanhei,  
Julguei-me então venturoso  
Antevendo-me no gozo  
Da capella, que enastrei.

Mas a sorte me privou  
De gozar delicia alguma;  
Só ficou das flores, uma  
Que co'as outras não murchou.

Foste tu, rouxa saudade,  
Da tristeza, oh flor, emblema,  
Que resolvesse o problema  
Da minha louca vaidade.

Julho de 1859.

F.

### MOSAICO.

O chocolate faz as delicias do hespanhol: o café acalma os vapores que o vinho faz subir á cabeça do allemão: o chá serve de recreio ao inglez: a limonada é o refresco do italiano: a cerveja regosija o succo: a aguardente extasia o polaco: o hidromel é o nectar do moseovita e o ópio o deleite do chinez.

\* \*

Estando o conde de Sortelha por embaixador em Castella, lhe perguntou o imperador Carlos V. querendo motejar de pequeno a Portugal:

—Si se levantar uma lebre em Portugal, onde a ides matar?

—A' India, senhor, que é d'ali cinco mil leguas.

\* \*

Uma donzella, a quem seu tio quiz fazer lida na Historia, devolveu-lhe os livros, dizendo-lhe: « Meu tio, não vale a pena o trabalho de lêr, pois o que se tem visto em todos os tempos é—illustres doudos e atrevidos velhacos, zombarem de uma grande quantidade de tolos.»

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

*(Continuado da pag. 136.)*

1.º GUAR.—Está conforme: vou buscar a reclusa. *(Entra no quarto n.º 5).*

SIM.—*(A' parte, medindo a Condessa com a vista).* Rebeta, anda, minha bicha!

CONDES.—*(A' parte).* Maldicção!

FERN.—Meu irmão, mandae apromptar tudo para a nossa partida, e que um carro venha esperar-me á porta desta prisão. Quero vê-la... vê-la pela ultima vez e depois... acompanhar-vos-hei.

CONDES.—*(Ao Conde).* Vamos. *(Baixo).* Lembrae-vos de vossa promessa. *(A Fernando. Sahe).*

## SCENA 9.ª

*Os mesmos, menos a Condessa e o Conde.*

SIM.—Si quizerdes levar vossa mulher, podeis fazê-lo, porque o patrão tem a licença para isso. Podeis levá-la para vossa casa...

FERN.—Para minha casa?

GRA.—A licença que tenho só carece da assignatura de V.ª Ex.ª

FERN.—Oh! não me falleis nisso!

SIM.—*(Baixo).* O melhor é fazer as cousas sem dizer nada.

FERN.—Ei-la emfim... *(Maria entra).* Que mudança!... *(A' parte).*

MAR.—*(A' parte).* Como tem soffrido, meu Deus!

SIM.—Patrão, isto dóe!

GRA.—*(Limpendo os olhos).* Eu... eu... nem sei mesmo como estou. *(Sahe).*

## SCENA 10.ª

*Fernando e Maria.*

MAR.—Quizeste vir sempre vêr-me, Fernando?

FERN.—Sim! e pela ultima...

MAR.—Pela ultima vez? Partes então sem mim, Fernando? sem mim! Terás animo para tanto?

FERN.—E poderemos viver d'ora em diante juntos?

MAR.—Mas eu não sou criminosa...

FERN.—Não posso acreditar-lo... não...

MAR.—Por minha vida, juro-te, Fernando...

FERN.—Não jures, não...

MAR.—*(Com ternura).* Pois bem: não jurarei! Fica!—sou criminosa!—ouves?. mas fica, fica, meu Fernando!

FERN.—Oh! eu bem sei que me atraçoaste!

MAR.—Sim: sou criminosa!—mas deixa-me vêr-te ainda! deixa-me fallar-te! deixa-me ouvir-te! Accusa-me! mas não o poderás fazer sem chorar!... e tuas lagrymas me martyrisarão menos do que tua ausencia!

FERN.—*(Commovido).* Ah! si eu pudesse deixar de amar-te!

MAR.—Teu coração é mais leal que a tua razão! não vés?

FERN.—Sim! amo-te! amo-te para meu maior tormento! Pódes avaliar os meus soffrimentos, as minhas torturas?... O ardil que empregaste para fugir desse baile, para acompanhar esse homem, meu rival, á sua casa, é o meu mais cruel martyrio!

MAR.—Um ardil? qual foi?

FERN.—Luiza confessou-me tudo.

MAR.—Luiza!

FERN.—Declarou-me que lhe deste ordem para ficar em teu lugar...

MAR.—*(Com força).* É uma calúnia! uma torpe calúnia!

FERN.—Uma calúnia?... Pódes negar-me que não fugiste com elle? que não te encontrei em sua casa? que não te surprehendi quasi nos seus braços?

MAR.—Não! mas eu acreditava que eras tu que me havias acompanhado....

FERN.—Eu!—não procures enganar-me, Maria! Si o amavas, porque não regeitaste minha mão?. Que mal te fiz eu? não te cerquei de affeições e carinhos? teus desejos não foram para mim ordens? Daria a propria vida para te vêr feliz!—porque, pois, me atraçoaste?..

*(Continua.)*